



A Flauta e a Lira

Estudos sobre poesia grega e papirologia



A FLAUTA E A LIRA

CARLOS JESUS

Fluir Perene
www.fluirperene.com

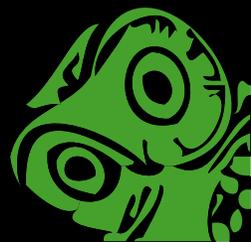
Colecção
Fluir Perene

Colaboração
Associação Portuguesa de Estudos Clássicos (APEC)



CARLOS A. MARTINS DE JESUS

com prefácio de
JOSÉ RIBEIRO FERREIRA



Carlos A. Martins de Jesus

A Flauta e a Lira

Estudos sobre Poesia Grega e Papirologia

Prefácio de
JOSÉ RIBEIRO FERREIRA

Colecção
Fluir Perene - nº 3



ÍNDICE

<i>In limine</i>	7
Prefácio: Gêneros e Formas Poéticas na Época Arcaica, <i>por José Ribeiro Ferreira</i>	9
Grécia e Egito: dois afluentes de um mesmo rio poético	17
A tradição iâmbica	31
Dois alvos da invectiva iâmbica	33
Devassidão em prados de flores. O fr. 196a W. atribuído a Arquíloco	47
As flechas da calúnia: Estêvão Rodrigues de Castro e a recepção de Arquíloco no Renascimento	57
Baquílides de Ceos	69
Fama, a que tudo vê e tudo conta. Epinício 2	71
O Galo de Urânia. Epinício 4	75
Flores de canções doces como o mel. Fragmento 4 M	81
Novidades papirológicas	87
Poetas gregos nas areias do Egito: algumas relíquias papirológicas trazidas a público	89
Quando os Gregos sofreram terrível derrota. O novo P. Oxy. 69. 4708 atribuído a Arquíloco	93
Musas de regaço violeta. Um novo texto de Safo	115
Narciso, o belo suicida. (Re)Leituras do mito a partir de um novo papiro	119
Referências Bibliográficas	129
Apêndice Iconográfico	139

IN LIMINE

O presente volume reúne um conjunto de onze ensaios sobre diferentes temas e autores da poesia grega, de Arquíloco (séc. VII a.C.) a Parténio de Niceia (séc. I a.C.), passando por Baquilides e Safo, entre outros, a todo o momento referidos. Além do primeiro texto e dos referentes a Baquilides, inéditos à data, os restantes foram recolhidos de publicações avulsas em revistas da especialidade. Eles são o resultado de quatro anos de reflexões sobre poesia grega e papirologia. Houve necessidade de os aligeirar, despojando-os de citações em grego e análises críticas mais complexas, úteis apenas a especialistas, no intento de os tornar acessíveis a um público mais vasto, interessado pelos temas da poesia grega.

O primeiro ensaio põe a par textos dos poetas gregos da época arcaica com a lírica egípcia conservada, demonstrando como ambas as culturas sentiram o amor, a vida e a morte de forma bastante similar. Segue-se um conjunto de três estudos sobre o iambo grego, em especial dedicados a Arquíloco de Paros, mas também, por analogia temática, a Hipónax de Éfeso (séc. VI a.C.). Apreciados lado a lado os fragmentos de ambos os poetas, na intenção satírica e invectiva que os une, no primeiro ensaio, parte-se para a tradução e análise literária de um dos mais valiosos achados papirológicos do séc. XX – no que à poesia grega diz respeito –, o conhecido *Papiro de Colónia* atribuído a Arquíloco, que constitui o mais extenso exemplo de invectiva iâmbica que conservamos, o mais acutilante e erótico poema desse género, aceite que seja a sua atribuição. No estudo seguinte, procurámos reflectir sobre a fortuna da lenda de Arquíloco e dos Licâmbidas, para chegar ao Renascimento e ver como, ainda nesse período, ela inspirou, poetica e pictoricamente, diversos autores apostados no cultivo

da sátira, com destaque para Estêvão Rodrigues de Castro, médico e poeta dos séculos XVI e XVII.

Avançamos para a poesia epinícia, tratando de três pequenos textos conservados de Baquírides de Ceos (sécs. VI-V a.C.), de quem a tradição diz ter sido sobrinho do grande poeta Simónides e um dos rivais do famoso Píndaro de Tebas. Embora breves na sua extensão, os poemas revelam bem a genialidade da arte alusiva e pictórica do seu autor, uma poesia fluente e fina na metáfora e na descrição.

Num último momento, discorreremos sobre as novas tecnologias de imagem aplicadas ao estudo de papiros tidos como irremediavelmente perdidos, dando notícia dos principais achados, nesse domínio, que nos últimos anos vieram a público. É nesse sentido que nos ocupamos de mais um texto, desta feita elegíaco, atribuído a Arquíloco (P. Oxy. 69. 4708), publicado apenas em 2005, bem como do novo poema de Safo que pôde finalmente ser reconstruído. Para terminar, entrecruzam-se mito e poesia, e eis que um outro achado (P. Oxy. 69. 4711) vem trazer uma nova luz sobre a lenda do mais formoso dos heróis, Narciso, que Ovídio dizia ter-se deixado morrer em contemplação da própria beleza, reclinado sobre um límpido regato.

A encabeçar estes textos, o Prof. José Ribeiro Ferreira aceitou integrar um prefácio sobre as circunstâncias formais da poesia grega arcaica, um texto rico e elucidativo do fenómeno poético grego, útil a especialistas, estudantes e público em geral. Por isso, muito lhe agradecemos.

Quando abreviados, autores e obras antigas seguem as siglas de H. G. Liddell - R. Scott, H. Stuart Jones, *A Greek-English Lexicon* (para os gregos) e de P. G. W Glare, *Oxford Latin Dictionary* (para os latinos). As publicações periódicas vêm identificadas segundo as siglas de *L'Année Philologique*.

Coimbra, Maio de 2008
Carlos A. Martins de Jesus

PREFÁCIO

GÊNEROS E FORMAS POÉTICAS NA ÉPOCA ARCAICA

Primeira forma de transmissão da cultura, a poesia gozou de grande dignidade entre os Gregos. Basta recordar que surge da inspiração das Musas e que estas são filhas de Zeus e de Mnemósine – a Memória. Por outro lado, os autores antigos, em especial Platão, atribuíam, por um lado, aos poetas o papel de «pais e guias da sabedoria» (*Lísis* 214a) e consideravam que ser entendido em poesia era a parte primacial da educação do homem (*Protágoras* 338e).

A poesia grega arcaica vai dar origem ao aparecimento de diversas novas formas poéticas e musicais e novos temas. De acordo com o aspecto formal e com a métrica podemos dividi-la em três espécies: poesia lírica, poesia elegíaca, poesia iâmbica.

Os Poemas Homéricos e as obras de Hesíodo haviam sido compostos em hexâmetros, portanto uma sucessão do mesmo metro. A poesia elegíaca constitui a primeira tentativa de quebrar essa monotonia, já que a elegia, sob o ponto de vista formal, nos aparece como uma variante do hexâmetro, em ritmo dactílico, com a introdução do pentâmetro, e os dois, em alternância, formam o dístico elegíaco:

— UU — UU — UU — UU — UU — — hexâmetro
— UU — UU — // — UU — UU — pentâmetro

Como o pentâmetro — uma designação imprópria — é constituído por dois *hemiepes*, dois meios hexâmetros, com uma pausa a meio, tem razão W. R. Hardie 1934: 49 ao afirmar que a elegia nos aparece como uma variante do hexâmetro dactílico¹. E essa será uma das razões por que

¹ Sobre a constituição do pentâmetro como dois meios hexâmetros vide B. Snell 1982: 16.

parece ser o dístico elegíaco o metro mais antigo de composição, a seguir à epopeia². Um metricista francês diz com graça e acertadamente que o pentâmetro é um hexâmetro com um suspiro no meio e outro no fim.

Os autores antigos, sobretudo tardios e gramáticos, ao usarem ou comentarem o termo *elegia* e afins — cuja possível etimologia omito, por controversa³ —, tinham sobretudo em mente aspectos formais e métricos, como está explícito neste escólio de Dionísio Trácio (p. 173.3 = 307.29):

Portanto, há dístico elegíaco, quando temos um verso (*stichos*) hexâmetro e um pentâmetro, e elegia quando todo o poema apresenta, em alternância, hexâmetros e pentâmetros.

Assim *elegeion* significa “um dístico elegíaco”⁴. Por outro lado, o plural *elegeia* é de frequente uso no século V a. C. em diante para referir os dísticos elegíacos. Mas há entre os gramáticos a tendência em usar *elegeion* para significar “pentâmetro”. O termo *elegeia* (subst. fem.) aplicava-se aos poemas constituídos por dísticos elegíacos, atestado pela primeira vez em Aristóteles (*Constituição dos Atenenses* 5. 2 e 3), ao referir-se aos poemas de Sólon.

É raro o uso da palavra *elegeion* para significar o tom geral, um sentido tardio que encontramos sobretudo entre os Romanos. Por exemplo, em Plauto (*Mercador* 409) um ancião lamenta-se de que os olhares de uma rapariga atraíam atenções indesejáveis, levando os homens a acorrerem para recitar poemas à porta:

² Duas regras marcam o pentâmetro: uma delas reside no facto de a diérese coincidir sempre com o fim da palavra; a outra no facto de as breves da 2ª parte não poderem ser substituídas.

³ Tem-se tentado tirar do termo uma etimologia (que *elegeion* era “dizer ai”). Mas note-se, contudo, que o verbo *lego*, de início, significava “colher”. Outra teoria — que se tem proposto, mas não tem tido aceitação — deriva-a de forma *elegen*, uma palavra de origem arménia que significa “tubo” ou “cano”. Trata-se de uma etimologia tentadora, pois designaria o instrumento musical que acompanharia a elegia. Em resumo: em matéria de etimologia de elegia, estamos hoje na mesma posição em que se encontrava Horácio, no século I: «Grammatici certant et adhuc sub iudice his est».

⁴ No mesmo sentido vai uma referência de Diodoro (9. 20. 2) que, ao citar um dístico de um poema mais longo de Sólon, refere-se a ele como «este *elegeion*», e que ao conjunto de seis linhas do fragmento apelida *elegeia*.

.....occident ostium,
impleantur elegeorum meae fores carbonibus.

Deste modo os antigos aplicavam o neutro *elegeion*, no singular e no plural, e o feminino *elegeia* à poesia em dísticos elegíacos. O aspecto formal da elegia adquire assim papel fundamental na designação. Tem razão, pois, M. L. West 1974: 4 quando escreve: «Em geral pode dizer-se que *elegeion* e o seu plural são usados sem restrição para designar todos os versos em metro elegíaco, quer seja alegre ou triste, quer uma inscrição em pedra, quer uma elegia literária».

Quanto ao conteúdo, o tom lamentoso, triste, melancólico que já aparecia entre os Romanos — «*flebilis elegeia*» Ihe chamou Ovídio nos *Amores* — e que hoje está implícito no termo elegia, não tinha relevo entre os Gregos, embora o sentido de lamento nos apareça no termo *élegos*, com implicações métricas ou não, já no séc. V a. C. em seis ocorrências entre 415-408 a. C.⁵ e numa citação de Pausânias 10. 7. 6 relativa e Equêmbroto (586 a. C.). O emprego de elegia e relacionados baseava-se fundamentalmente em aspectos métricos e formais. Não esqueço, todavia, o caso do fragmento 13 West de Arquíloco que começa por uma lamentação inicial e tem sido o ponto de apoio de muitos críticos para atribuírem esta característica à elegia desde o início.

Considero que H. Fränkel 1962: 170, autor de um dos melhores tratados de literatura grega arcaica, define com clareza elegia: «é seu alvo específico a exortação, ensino e reflexão. Tem o carácter de fala pública ou semi-pública e, mesmo que se dirija a uma pessoa só, vale para todas as que se encontrarem na mesma situação». É efectivamente isto que nós encontramos de comum quer na elegia guerreira, quer na erótica, quer na gnómica.

Na elegia cabiam praticamente todos os assuntos. A temática guerreira — o que chegou até nós de mais antigo (Calino e Tirteu) é

⁵ Eurípides, *Tro.* 119, *IT.* 146, *Hel.* 185, *Hypsip.* 1. 3. 9, *Or.* 968; Aritófanes, *Aves* 217.

guerreiro— parece ser da sua total exclusividade. Tem um pendor reflexivo. Tem por função a “exortação, ensino e reflexão”.

Observa F. Rodríguez Adrados que a elegia é, por antonomásia, a poesia da exortação e reflexão sobre os temas mais diversos: militares, políticos, morais, relativos ao sentido da vida, narrativos, mesmo dados autobiográficos. M. L. West 1974: 14-18 divide-a em guerreira, narrativa e gnómica — divisão que, apesar de ultimamente ter sido posta em causa, continua em minha opinião a mais adequada. Outra forma poética e musical que cedo aparece é a iâmbica, que com a elegia disputa a glória de mais antiga⁶. Acompanhada à flauta como a elegia, este tipo de poesia apresenta, em boa parte dos poemas e fragmentos chegados até nós, um carácter trocista fundamental.

O iambo (U — U —), que de certo modo estava ligado ao culto de Elêusis⁷, suscita muitas dúvidas, embora pareça seguro que, além desse carácter trocista fundamental, o termo *iambos* designa ao mesmo tempo o género e o verso. Por outro lado, não parece haver dúvidas quanto ao facto de ter sido Arquíloco a dar-lhe forma literária. A palavra aparece-nos aliás já no próprio Arquíloco num fragmento muito curto (fr. 215 West) e cujo sentido nos escapa:

Já não me agradam nem iambos nem deleites.

Aristóteles parece corroborar esta atribuição, ao referir com esse termo poemas de Arquíloco na *Retórica* 1418b, embora com o

⁶ Discute-se se a precedência recai em Calino ou em Arquíloco. Do cruzamento das referências dos fragmentos 19, 20 e 122 West podemos datar o último de meados do século VII a. C. Assim é provável que Calino seja mais antigo do que o poeta de Paros.

⁷ Segundo o *Hino Homérico a Deméter*, a deusa chegou a Elêusis em busca da filha raptada. Aproximaram-se dela as filhas do rei e, no meio da dor, a deusa riu-se com os ditos de uma criada chamada Iambé. Se por um lado o nome parece indicar qualquer coisa, por outro, os ditos causam riso. Ora o riso parece ser congénito à poesia iâmbica. Durante os Mistérios de Elêusis, a procissão que se dirigia de Atenas a Elêusis, ao passar por uma ponte, parava para proferir os *gephyrismoi* que eram ditos trocistas. Deviam ter um valor apotropaico e eram uma maneira primitiva de conciliar as divindades da fertilidade. De novo encontramos o elemento riso associado ao culto de Elêusis. É isto o que se julga saber em relação às origens da poesia iâmbica.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

